

Televisão e vídeo na formação de professores de crianças

Maria Felisminda de Rezende e Fusari
Universidade de São Paulo

RESUMO

Ajudar professores e alunos a melhorarem suas atitudes básicas frente à comunicação e aos meios de comunicação na sociedade contemporânea é um dos compromissos da educação escolar. No Brasil experiências como essas ainda apresentam um desenvolvimento insuficiente em programas de educação formal o que dificulta, também, contribuir para uma visão mais profunda da relação entre comunicação e educação. O presente trabalho tem o intuito de colaborar com os estudos a respeito da educação nas escolas e suas relações com a comunicação, os meios de comunicação — em especial, televisão e vídeo — em cursos que formam futuros professores de crianças.

Palavras-chave: Comunicação e Educação, Tecnologias de Comunicação, Educação: uso da televisão e do vídeo.

RESUMEN

Ayudar a profesores y alumnos a perfeccionar sus actitudes básicas frente a la comunicación y a los medios de comunicación en la sociedad contemporánea es uno de los compromisos de la educación escolar. En Brasil, experiencias como éstas aún presentan un desarrollo insuficiente en programas de educación formal lo que dificulta, igualmente, el desarrollo de una visión más profunda de la relación entre comunicación y educación. El presente trabajo tiene el propósito de contribuir con los estudios a respecto de la educación en las escuelas y sus relaciones con la comunicación, los medios de comunicación — en especial, televisión y video — en cursos que forman profesores de niños.

Palabras-clave: Comunicación y Educación, Tecnologías de Comunicación, Educación: uso de la televisión y del video.

ABSTRACT

Helping teachers and students to improve their basic attitudes toward communication and the mass media in the contemporary society is one of the undertakings of school education. In Brazil these experiences do not always have been developed in formal education which makes it difficult to help the development of a profound vision of the relation between communication and education. This paper is meant to offer a contribution to the discussion of experiences of school education for communication and for using available communications media in the teachers training courses.

Keywords: Communication and Education, Communication Technologies, Education: television and video uses

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é o de participar das discussões que visem aperfeiçoar práticas e teorias de professores sobre a comunicação escolar, com televisão e vídeo, junto à infância, no mundo contemporâneo. Expõe, para isso, um breve relato de pesquisa vinculada à docência, nessa área, em cursos que formam futuros professores de crianças. Vincula-se à questões de comunicação social em países com graves problemas educacionais (alto índice de analfabetismo, de repetência e evasão escolares, queda na qualidade do ensino etc.), como é o caso do Brasil.

Vamos iniciar com as palavras de alguns professorandos:

"A minha resposta vai ser breve: pois, apesar de muitos educadores serem contra a televisão, eu gosto muito e poderia ficar horas assistindo; assim, não concordo com problemas que ela possa trazer para as crianças. Talvez desenhos (animados) causem violência na criança ou, também, a massificação; elas assistem sem criticar, analisar. A televisão impõe tudo isso, no entanto, é um caso a ser discutido, pois em cada ser surge um efeito. Para mim em particular, eu amo a televisão; ela é boa ou ruim, é uma arte na comunicação, um dos veículos mais importantes; todos assistem, por isso merece o respeito e a minha admiração." (Adriana, 16 anos, aluna de Magistério, período da manhã, Escola Pública Estadual; ainda não trabalhava em escola; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

"Em primeiro lugar as escolas (a minha, pelo menos), não possuem TV ou videocassete, por isso seu uso fica restrito nesse lugar. Como professora sinto que poderia explorar alguns programas que os alunos tivessem assistido em casa, mas o problema é que os alunos sempre assistem os mesmos programas (XUXA, Desenho animado) não interessando por outros, até mesmo sem que haja a tentativa de 'rodar' pelos canais para ver o que a TV oferece." (Marlene, 21 anos, aluna de Pedagogia, Universidade de São Paulo; professora de Pré-Escola, Pública, Municipal; São Paulo/SP, Brasil, 1988).

A educação escolar de crianças — dentre os demais processos educacionais —, é um dos campos de trabalho de professores formados, e em formação, que exige desses profissionais a posse, além de outros de conhecimentos mais aprofundados sobre comunicação e suas mídias¹, sem maniqueísmos, e a partir

¹ Para um melhor entendimento desta exposição, vale ressaltar que, nesse trabalho com alunos-professores, as mídias são tomadas em seu sentido mais amplo, ou seja, são consideradas como sendo quaisquer dos meios de comunicação de informações, de emoções, de mensagens, enfim, que interligam pessoas produtoras e receptoras das mesmas, nas diversas instâncias da sociedade, dentre elas, na escola. Assim, mídia impressa (livros, cartazes, jornais, fotografias), mídia eletrônica (televisões, vídeos, discos, disquetes) além da mídia em que se incluem quadros-de-giz, cadernos etc., são mídias (no caso, teremos que usar no plural...) com linguagens materializadas em conteúdos-formas.

dos problemas vivenciados por eles no trabalho de comunicação escolar. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que a educação na escola, sob a mediação de professores, caracteriza-se por um específico processo comunicacional entre os alunos e os saberes significativos sobre a vida, sua história e suas necessidades de melhorias no mundo em que vivem.

Na escola, o trabalho comunicacional com a multiplicidade de mídias presentes no mundo contemporâneo, não pode ser improvisado e nem desarticulado de uma proposta educativa que contribua para a democratização de saberes socialmente significativos, produzidos e em produção pela humanidade. Tal colaboração do trabalho educativo da escola é considerada por educadores mais realistas e progressistas como sendo uma importante meta para ajudar a formar cidadãos que possam contar com saberes que os auxiliem a melhorar suas vidas nas cidades.

O professor comunicador, considerado como o principal profissional responsável pelas aulas propostas na educação escolar de cidadãos, e a partir da infância, tem, portanto, direito à condições que lhe permitam expor, estudar, entender essa problemática comunicacional inerente à escola e à sociedade. Seus estudos devem incluir as diversas novas tecnologias da comunicação e seus entrelaçamentos com as mais tradicionais. Tais condições de estudo, devem conduzi-los a um saber comunicação e um saber ser comunicador com as diversas mídias, na escola.

Tais conhecimentos precisam ser elaborados de um modo mais aprofundado, não apenas na formação continuada de professores, ou seja, durante seus tempos de desempenho profissional, mas, também, desde seus cursos de graduação. No caso brasileiro, estudos sobre comunicação geral e escolar devem (deveriam) ser realizados nos cursos das Escolas Médias de Magistério, e das Escolas Superiores de Pedagogia e de Licenciatura.

No Brasil, os estudos e pesquisas sobre comunicação e mídias, junto a professores em e para escolas de crianças, de adolescentes, sobretudo as públicas, são ainda insuficientes, assistemáticos, e carecem de uma política educacional mais consistente e duradoura².

Em síntese, desvelar e interferir na trama comunicacional que ocorre em sala de aula, tem como meta principal contribuir no plano da produção teórica e prática, com a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem, principalmente na escola pública. Na medida em que os educadores escolares dominarem, competentemente, também um saber comunicação e saber ser comunicador incluindo as diversas mídias, na especificidade escolar, poderão melhorar sua atuação na comunicação democrática de conhecimentos.

Com essas preocupações, é que me propus colaborar com pesquisas nessa área, vinculadas ao trabalho docente e, mais especificamente, em cursos de graduação, que objetivam formar futuros professores. O intuito é o de participar

² Experiências no Brasil e na América Latina, sobre educação para a comunicação, foram estudadas por J.M. Morán Costas em *Educar para a Comunicação: análises das experiências latino-americanas de Leitura Crítica da Comunicação*. São Paulo, ECA/USP, 1987 (tese de doutoramento).

do esforço que vem sendo feito por profissionais da área de educação e de comunicação, no sentido de se encontrar métodos (caminhos) que instrumentalizem atos de investigação, de descoberta, de intervenção na melhora de nossa atuação com mídias e comunicação na formação de professores. Optei por alguns métodos e procedimentos de pesquisa, com o objetivo de progredir na construção de fundamentos e saberes nessa área específica de comunicação escolar. Mas, os passos dados foram poucos e há muitas questões a serem ainda discutidas e superadas em realizações dessa natureza e em conjunto com estudiosos da área, tanto nacionais quanto internacionais.

Nessa pesquisa, da qual a seguir relato alguns aspectos, centrei-me nas mídias televisão e vídeo, junto a alunos-professores, em sala de aula, ciente de seus outros laços com os demais meios de comunicação e da necessidade de prosseguirmos e acumularmos estudos que englobem mais amplamente essa problemática em cursos de profissionalização de docentes.

PROBLEMAS NA COMUNICAÇÃO ESCOLAR, E SUAS ANÁLISES POR ALUNOS-PROFESSORES, COMO OBJETOS DE PESQUISA

Ao propormos cursos e pesquisas nessa área comunicacional escolar, é preciso levar em consideração que os professores, ou os alunos-professores, já vivenciam e sabem expor alguns de seus problemas e hipóteses a respeito dos aspectos comunicacionais que ocorrem nas aulas.

Ora, torna-se importante que seus estudos, sobre a faceta comunicacional de seus trabalhos profissionais como educadores, partam da constatação da problemática que já percebem nessa área progredindo em suas análises e superações de problemas, bem como ampliando e diversificando seus repertórios sobre as possíveis melhorias práticas e teóricas na comunicação escolar.

No âmbito dessa problemática, os meios verbais, visuais, sonoros, audiovisuais de comunicação de idéias, emoções, nos cursos escolares, não podem ser reduzidos apenas à função de “recursos” como querem alguns, e nem podem ser tomados, ao contrário e exageradamente, como querem outros educadores, como sendo os únicos responsáveis pela “salvação” e pela transformação prazerosas da educação escolar que temos, naquela que necessitamos e queremos ter.

Pelas razões acima explicitadas, os problemas de alunos-professores, vivenciados na comunicação escolar, e seus processos de análise de alguns deles, foram os objetos de investigação nesse estudo realizado em São Paulo/SP, Brasil, entre 1987 e 1990, junto a 235 estudantes frequentando aulas de “Didática” (em cursos de Magistério de duas escolas públicas estaduais e uma particular) e aulas de “TV e Vídeo na Educação”, sob minha responsabilidade (no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP).

Assim, os objetos de pesquisa, seqüenciados nesse trabalho foram os seguintes:

a) os problemas — e as razões para superá-los — apontados por 166 estudantes de Magistério e 69 de Pedagogia a respeito dos **meios de comunicação usados nas aulas** assistidas por eles, no ano anterior ao da pesquisa em questão, em seus cursos formadores de professores (papel de alunos) e nos

ministrados por eles, para crianças, nas séries iniciais de escolarização (papel de professores);

b) os problema que, na opinião desses alunos-professores, são enfrentados em suas aulas, por docentes, em geral, que trabalham em escolas públicas, a respeito de **TV e Vídeo usados por e com crianças**;

c) as preferências, indicações de mudanças — e suas razões — apontadas por 45 desses alunos de Magistério e 22 dos de Pedagogia, durante uma das aulas de seus cursos (acima referidos), frente a um trecho de um **programa de TV, — o “Xou da Xuxa” —** produzido por adultos, no Brasil, para o público infantil;

d) as análises e propostas para estudantes de Escolas Médias de Magistério, em geral, sobre possíveis **trabalhos com TV e Vídeo, na educação escolar de crianças**, desenvolvidas pelos mesmos 22 estudantes de Pedagogia (como atividade do curso de TV e Vídeo na Educação) e a partir de seus estudos de alguns dados provenientes dos três objetos (anteriores) dessa investigação;

e) as mudanças explicitadas pelos mesmos 22 professorandos da Pedagogia, ao término do curso sobre TV e Vídeo na Educação, quanto às **opiniões a respeito de mídias e comunicação escolares**, dadas por eles, no início das aulas.

Buscando-se um modo de compreender as características das idéias, das opiniões desses alunos-professorandos, no âmbito dos objetos de investigação acima referidos, optei por categorizá-las, em todas as fases, quanto aos seguintes componentes do conjunto que caracteriza o trabalho didático-pedagógico, em cursos escolares, acrescidos de suas dimensões comunicacionais:

- professor comunicador (enquanto agente e resultado de vivências comunicacionais);

- alunos comunicadores (enquanto agentes e resultados de vivências comunicacionais);

- objetivos específicos de comunicação na educação escolar;

- conteúdos em e para comunicação nas aulas;

- métodos e procedimentos de comunicação nas aulas;

- mídias (conteúdo/forma) na e para comunicação escolar e geral.

Ao referir-se a meios de comunicação como Televisão e Vídeo, as indicações dos alunos-professores, também, foram categorizadas quanto a:

- produtores, “animadores” como comunicadores no programa de TV e/ou em Vídeos;

- outras pessoas como comunicadoras no programa;

- seus telespectadores (professores, alunos, pais) como comunicadores (agentes e resultados de vivências comunicacionais);

- objetivos de comunicação do programa em questão;

- conteúdo/forma comunicacional do programa em si;

- métodos e procedimentos de comunicação no programa e dos produtores e emissores do programa.

Antes de dar prosseguimento a essa exposição, apresentando algumas das características verificadas nas respostas desses estudantes a respeito de seus problemas com a comunicação e meios de comunicação nas aulas, quero fazer uma observação sobre a escolha das aulas de Didática, disciplina

pedagógica obrigatória na escola média de Magistério, como um dos pontos de referência nessa pesquisa.

As aulas de Didática são um dos principais espaços/momentos para os alunos-professores de crianças levantarem e discutirem os projetos e problemas pedagógicos vivenciados durante os processos de ensino e aprendizagem de Língua Materna (no caso do Brasil, a Língua Portuguesa, e seus processos de alfabetização), Matemática, História e Geografia, Ciências, Artes, dentre outras. Isso porque “definindo-se como mediação escolar dos objetivos e conteúdos do ensino, a Didática investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre a docência e a aprendizagem. Ou seja, destacando a instrução e o ensino como elementos primordiais do processo pedagógico escolar, traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática.” (...) Além disso, sabendo-se que, “internamente, a ação didática se refere à relação entre o aluno e a matéria (de ensino) com o objetivo de apropriar-se dela com a mediação do professor”³ torna-se essencial uma atuação comunicacional competente e que leve em conta as práticas comunicacionais dos estudantes (crianças, adolescentes) na vida cotidiana e escolar.

Vale ressaltar ainda que, no Brasil, a formação de professores de Didática para as Escolas de Magistério (além de outras disciplinas do currículo como: Metodologias do Ensino, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação etc.) se dá nas Universidades, ou seja, nas Faculdades de Educação, encarregadas dos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas. A formação de profissionais da educação escolar, oferecida pelas Faculdades de Educação, deve garantir-lhes, também, um aprofundamento a respeito da comunicação e suas mídias na escola, a partir da identificação e superação dos problemas aí envolvidos.

A seguir, exporei um resumo dos problemas apontados pelos 235 alunos-professores envolvidos nessa pesquisa, a respeito do trabalho com meios de comunicação nos cursos escolares, bem como os indicados e transformados pelos 22 estudantes de Pedagogia da USP, em 1988, durante seus cursos sobre “TV e Vídeo na Educação”.

PROBLEMAS COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO, ESPECIALMENTE TV E VÍDEO, APONTADOS E ANALISADOS POR ESTUDANTES DE MAGISTÉRIO E DE PEDAGOGIA

Questionados a respeito dos meios de comunicação em geral, usados nas aulas assistidas por esses alunos-professores, em seus cursos de formação, os mais referidos foram: Quadros-de-Giz (22,8%) e Transparências para Retro-projeção (20,8%). O vídeo (4,9%) e a Televisão (1,8%) usados nas aulas que

³ Ver José Carlos Libâneo. *Didática*. São Paulo, Cortez, 1991:52 e 55.

assistiram, em 1986 e 1987, ficaram entre os dez meios de comunicação mais indicados apesar do baixo índice de uso. Já nos cursos em que 902 desses estudantes eram docentes (em geral em Pré-Escolas), a maior incidência recaiu sobre Quadros-de-Giz (14,5%), Diapositivos ou Slides (12,0%) e Cartazes (11,0%). Vídeo (3,8%) apareceu em 12º lugar nas indicações de uso com as crianças em suas aulas.

Foi muito baixa a média (entre 0,5% e 02%) de indicações de problemas, pelos alunos-professores, com os meios de comunicação nas aulas em que eram alunos e nas em que eram professores. Tal índice é preocupante, sabendo-se da complexidade comunicacional que se processa com as mídias em quaisquer aulas escolares, envolvendo objetivos de comunicação escolar, conteúdos-métodos-procedimentos de comunicação nos cursos de cada área de conhecimentos sob a responsabilidade da escola. Dentre os poucos problemas apontados, entretanto, nas aulas assistidas pelos respondentes, os maiores índices recaíram sobre as mídias propriamente ditas (25,7%), em seus Conteúdos/Formas desqualificados, desatualizados técnico-expressivamente (enquanto visualização) e sobre os Métodos de Comunicação com as mesmas, nas suas aulas (25,8%). Nos cursos em que eram docentes, a maioria dos problemas apresentaram-se nessas mesmas categorias comunicacionais, ou seja: quanto ao Método de Comunicação com as Mídias (13,7%) e quanto os Meios de Comunicação propriamente ditos, em seus Conteúdos/Formas (7,8%). O posicionamento insuficiente a respeito da comunicação escolar e mídias aponta para a necessidade de melhoria de entendimento desses alunos-professores a respeito dessa problemática inerente ao processo de ensino e aprendizagem escolar.

Por outro lado, as opiniões de alunos colocadas no início deste texto, bem como as explicitadas a seguir, retratam uma maior percepção da problemática comunicacional escolar com relação à Televisão e Vídeo. É o que mostra, por exemplo, a maioria das respostas dadas por 166 estudantes cursando Escolas de 2º Grau-Magistério (atual Ensino Médio — Magistério) durante a pesquisa realizada no final da década de 80. Com a colaboração de suas professoras de Didática, estive presente em uma das aulas dessa disciplina, em cada uma das cinco turmas de alunos e, após as apresentações iniciais e uma breve conversação sobre a importância de conhecermos melhor as dificuldades que temos com a comunicação e os meios de comunicação na educação escolar de crianças, solicitei aos estudantes que contribuíssem, respondendo por escrito, dentre outras, à seguinte questão:

“Quais são os problemas enfrentados por professores, em Escolas Públicas, quanto ao uso de televisão e vídeo com e por seus alunos de 05 a 11 anos de idade?”.

A maioria (98,1%) dos respondentes era do sexo feminino, e mais da metade (58,4%) com idades variando entre 15 e 18 anos. Eis algumas outras opiniões daqueles alunos-professores a partir da questão que lhes foi sugerida:

“O problema é que as escolas públicas não têm recursos para ter videocassete e televisões. A clientela (alunos) atendida também não têm recursos para comprar televisões e vídeos. Mas, caso isso aconteça, o

professor deverá levar o aluno a buscar outros meios de distração e informação.” (Andréa, 16 anos, aluna de Magistério, período da tarde, Escola Particular; professora em Escola de Educação Infantil-Maternal-Pública; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

“O problema é que a criança fica viciada na televisão (programas) ou no videocassete, esquecendo de fazer outras coisas, por exemplo: se estuda à tarde, em vez de liberar toda sua energia brincando no período da manhã, fica grudada na televisão assistindo o “Xou da Xuxa” (Márcia, 17 anos, aluna de Magistério, período da manhã, Escola Pública Estadual; professora em Escola de Educação Infantil - Maternal - Particular; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

“Paramim, o uso excessivo da Televisão influi muito porque a Televisão geralmente mostra muitas coisas irreais e incorretas para as crianças. Com isso, a criança chega na escola com uma visão diferente da realidade, o que faz com que ela perca a motivação de assistir as aulas, e também, vem com costumes vistos na televisão, o que dificulta a sua aprendizagem.” (Magali, 17 anos, aluna de Magistério, período da tarde, Escola Particular; professora em Escola de Educação Infantil - Maternal -, Particular, São Paulo/SP, Brasil, 1987).

“O problema é que às vezes o professor não usa o videocassete conforme a idade dos alunos e isto dificulta a aprendizagem dos mesmos. Fora da escola, o aluno assiste programas que não são adequados às idades e as crianças são influenciadas pela televisão de modo (em certo ponto) a prejudicá-las na escola.” (Cristiane, 16 anos, aluna de Magistério, período da manhã, Escola Pública Estadual; professora em Escola de Educação Infantil - Maternal - Particular; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

“A criança de escola pública (que vê TV e Vídeo) será muito esperta e ativa; o professor terá que ter muito cuidado em responder qualquer pergunta.” (Ricardo, 17 anos, aluno de Magistério, período da tarde, Escola Particular; ainda não trabalhava em escolas; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

Hoje em dia há muitos programas infantis e a criançada geralmente passa o dia inteiro vendo Televisão, não brincam muito com os amiguinhos, além de não fazerem as atividades que a professora pede para fazer em casa. Outro problema são as lutas de super-heróis que elas inventam na sala de aula.” (Marilda, 26 anos, aluna de Magistério, período noturno, Escola Pública Estadual; professora em Escola de Educação Infantil, Municipal; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

“Eu acho que depende muito do professor. Por exemplo, o aluno chega na escola e começa a falar sobre um programa de televisão com interesse e a professora diz para o aluno que estamos na escola para fazer lição

e não para discutir programa de televisão.” (Reinaldo, 26 anos, aluno de Magistério, período noturno, Escola Pública Estadual; Professor em séries iniciais de Escola Pública de 1º Grau; São Paulo/SP, Brasil, 1987).

Na pesquisa a que nos referimos nesse relato, a mesma questão sobre problemas de professores com crianças telespectadores e/ou videoespectadores, foi posta a estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Foram ao todo, 69 estudantes-professores (44, em 1987; 25, em 1988) frequentando as aulas do curso sobre “TV e Vídeo na Educação” sob minha responsabilidade docente.

A faixa etária entre 21 e 30 anos apresentou-se como sendo a da maioria desses estudantes (81,2%) e quase todos eles (92,0%) eram do sexo feminino. Eis alguns exemplos de suas opiniões a partir da questão sugerida:

“Talvez o maior problema seja exatamente a dificuldade de acesso de alguns alunos destas escolas a estes meios de comunicação (principalmente o videocassete) em casa. Dentro da escola, além da dificuldade encontrada, na maioria das vezes, pela falta desses aparelhos (ou pela impossibilidade de usá-los), há ainda muita carência de material (programas de TV ou Vídeo) suficientemente adequados para trabalhar-se em sala de aula. Creio que seja muito difícil, para o professor, desenvolver um trabalho realmente efetivo com o uso desses meios.” (Maria Helena, 22 anos, aluna de Pedagogia, Universidade de São Paulo; professora de 4ª série de Escola de 1º Grau - Ensino Fundamental - Particular; São Paulo/SP, Brasil, 1988).

“Penso que o problema fundamental na utilização de videocassete e televisão por professores da escola pública consiste na falta destes equipamentos dentro da escola. Fora dela, sua utilização torna-se problemática, a meu ver, pela falta (na maioria das vezes) de um posicionamento crítico frente ao que é passado por meio destes equipamentos.” (Paula, 20 anos, aluna de Pedagogia, Universidade de São Paulo; não dava aula em escolas; São Paulo/SP, Brasil, 1988).

Uma análise das dificuldades apontadas pelos 235 alunos-professores a respeito do trabalho escolar com crianças telespectadoras e/ou videoespectadoras, presentes em sala de aula, mostrou que foram poucas as afirmações de inexistência de problemas a respeito, bem como poucas as respostas deixadas em branco frente à questão formulada. Em outras palavras, as informações fornecidas por esses respondentes mostraram um grande índice (mais de 90%) de problemas a respeito.

Quanto à categorização dos problemas indicados, observou-se que as dificuldades dos professores, apontadas pelos estudantes de Magistério, concentram-se (52,3%) nas crianças telespectadoras/videoespectadoras propriamente dito, seguindo-se das dificuldades com métodos e procedimentos de comunicação escolar (26,8%) com essas crianças. Para os demais componentes

da relação comunicacional em aulas, os estudantes de Magistério apontaram índices mais baixos de dificuldades do professor: quanto ao conteúdo/forma dos programas de TV e Vídeo para crianças (6,1%), quanto ao próprio professor/comunicador com essa criança (5,5%), quanto à escola dessas crianças (2,2%). Os estudantes de Pedagogia, diferentemente, concentraram as dificuldades (47,1%) de professores nos métodos e procedimentos de comunicação escolar para o uso de TV e Vídeo com e por crianças nas escolas. Em seguida, apontaram dificuldades (15,5%) com os próprios alunos telespectadores ou videoespectadores; com os professores; com os professores propriamente dito (12,4%), com a Escola das crianças (10,8%) com os conteúdos/formas dos programas de TV e Vídeo para crianças nas aulas (5,2%). Não indicaram problemas quanto aos objetivos e conteúdos da comunicação escolar com crianças vinculados à TV e Vídeo, do mesmo modo que não o fizeram os estudantes de Magistério, o que indica uma falta de uma visão mais ampla e aprofundada da complexidade do processo comunicacional escolar.

Em outras palavras, essas constatações apontaram para a presença de alguns traços pouco desenvolvidos e outros mais elaborados, na história dos saberes desses estudantes frente a TV e Vídeo no projeto e processo de ensino e aprendizagem escolares inseridos no mundo social. Tratando-se de pessoas que se formam para a profissão de professores, são insuficientes esses saberes polarizados em alguns aspectos, ausentes em outros e carecendo de um entendimento mais totalizante sobre as suas junções e a história de suas disjunções.

Ao mesmo tempo, as opiniões explicitadas pelos alunos-professores participantes desse estudo, mostraram, também, que eles já dominavam alguns entendimentos e já indicavam potencialidades para saberem mais e superarem problemas vivenciados por eles a respeito dessas mídias na educação escolar. Muitas vezes, tais saberes e inquietações dos professorandos não são levados em conta em nossas propostas de progredirmos em pesquisas e cursos com vistas à formação de professores responsáveis pela comunicação escolar. E, o mais inquietante, é que a chegada e a ansiedade em “implantar-se” as novas tecnologias de comunicação (vídeos, computadores) nos cursos escolares, muitas vezes desconsideram tais entendimentos e hipóteses de superação de problemas comunicacionais já postos por professores, ou por alunos-professores, não incorporando-os aos projetos e processos de estudo e práticas de comunicação escolar com essas novas mídias.

Resumindo, a problemática que, na opinião dos alunos-professores desse estudo, é enfrentada por professores de Escolas Públicas, a respeito de Televisão e Vídeo usados por e com crianças, indica a existência de, pelo menos, os seguintes grupos de dificuldades a serem superadas por profissionais da educação escolar: 1) falta de um conhecimento maior e melhor, por parte do professor, sobre as relações entre Criança, Educação Escolar, Televisão e Vídeo; falta de Métodos e Procedimentos de Comunicação nas aulas, que levem em consideração os saberes das crianças telespectadoras e/ou videoespectadoras; e 2) falta de produções em TV e Vídeo que possam ser mais diretamente usadas na Educação escolar de crianças; falta de equipamentos

para essas mídias na escola; falta de verbas na Escola e de atendimento do Governo para que professores e alunos da Escola Pública possam contar também com esses meios de comunicação nas aulas, além de muitos outros necessários para o trabalho escolar. Essas indicações dos professorandos são importantes para nossas ações e reflexões sobre o assunto, apesar da ausência de uma visão, por parte desses futuros professores, das articulações entre todos os componentes da comunicação escolar.

Quanto às crianças, os problemas de professores, na concepção dos respondentes, se referem, principalmente, a: existência de muita fantasia, fuga da realidade, ilusões com produtos televisivos versus nível sócio econômico; imitação de personagens, de super-heróis, de modas de programas de TV e de desenhos animados; muita exposição e viciados à TV e aos mesmos programas; muita influência da TV, assimilação não crítica de conceitos inadequados e fora da realidade; desinteressados, desmotivados, frustrados nas aulas escolares; muito estimulados para a violência (Desenhos Animados) e para medos (programas de terror).

Questões como estas precisam ter maior espaço de estudo em cursos que formam professores, conduzindo-os a pesquisas, posicionamentos, projetos de trabalho sobre as elaborações comunicacionais das crianças na sociedade e na escola.

OPINIÕES DE ALUNOS-PROFESSORES SOBRE PROGRAMA DE TV PRODUZIDO PARA A INFÂNCIA: O "XOU DA XUXA"

Durante uma das aulas de Didática e de "TV e Vídeo na Educação", 45 dos estudantes de Magistério e 22 dos de Pedagogia, envolvidos na pesquisa aqui relatada, tiveram oportunidade de analisar e conversar sobre um trecho de programa brasileiro da TV Globo, "Xou da Xuxa", para crianças, emitido e gravado em vídeo no dia 05 de outubro de 1987, "Semana da Criança". Trata-se de um trecho de nove minutos, incluindo os comerciais, difundido pela TV Globo para todo o Brasil, naquela data, imediatamente após um dos desenhos animados de grande preferência das crianças, na época, o "She-Ha".

Neste texto serão sintetizadas as análises dos estudantes referentes a cinco minutos de programa⁴ ficando as opiniões sobre os comerciais para outra oportunidade.

Após assistirem em grupo e em aula, ao trecho do "Xou da Xuxa", foi solicitado aos alunos-professores que explicitassem por escrito, o que gostaram, o que não gostaram e o que mudariam no segmento televisivo analisado, pensando nos telespectadores que o tenham assistido durante a "Semana da Criança", em todo o Brasil. Tais registros escritos foram conhecidos e discutidos entre esses estudantes durante as mesmas aulas.

⁴ A respeito de análises de trechos de TV, ver D.C. Gueulette. A Better Way to Use Television in Our Classes. *Tech Trends*. Washington, 1988, 33 (01):27-29, que considera ser esse um dos modos de melhor uso pedagógico da TV nos cursos com os estudantes.

Em síntese, esses alunos-professores mostraram maior grau de aceitação (56% de opiniões dos de Pedagogia e 36,7% de Magistério) quanto às categorias conteúdo/forma e método de comunicação no referido programa televisivo infantil. No caso, mostraram-se favoráveis à presença de brincadeiras e de qualidade estética visual. Gostaram também, das crianças participantes no programa (20,0% os de Pedagogia e 26,5% os de Magistério) por demonstrarem capacidade e habilidade de competição, alegria, contribuição com o coro e torcida durante a brincadeira competitiva.

O maior índice de não aceitação ao trecho "Xou da Xuxa" para crianças, recaiu também nas mesmas categorias explicitadas acima quanto a aceitação. Em 54,35% das opiniões dos estudantes de Pedagogia e 50,9% das de Magistério, desaprovaram enfaticamente a brincadeira competitiva centrada no anúncio (comercial, merchandising) de um dos refrigerantes brasileiros (guaraná Antarctica) bem como: o tratamento desigual mantido pela apresentadora "Xuxa" com relação ao "ganhador" e ao "perdedor" na competição de acertar "bambolês" na garrafa gigante de refrigerante, além de instigar a competição entre sexos, meninos e meninas, bem como instigar um coro "gritado" das crianças presentes no estúdio: "pique fraco", "pique total". O segundo maior índice de não aceitação (18,5% os alunos de Pedagogia e 28,7% os de Magistério) recaiu na animadora do programa, ou seja, na Xuxa, em sua faceta de "auto promoção" (por exemplo: mês de outubro, que é o mês da criança no Brasil, ser considerado pela animadora como sendo o mês da Xuxa..., "beijinhos, beijinhos") e de se exibir em excesso, relacionar-se com trejeitos, inducionismos e de modo comercial desnecessários com as crianças e outros personagens componentes do cenário do programa. Não aceitaram (65,7% de alunos de Pedagogia, 66,7% de Magistério) além disso, as crianças sendo "usadas" no programa para repetir e "gritar" os comerciais patrocinadores do mesmo, deturpando o conceito de brincadeira na infância.

Evidentemente, o maior índice (78,1%) de propostas de mudanças no trecho do "Xou da Xuxa" analisado, incidiu sobre o Conteúdo/Forma e o Método de Comunicação com crianças no mesmo. As transformações mais sugeridas pelos alunos-professores foram: 1) substituir produtos e anúncios comerciais, usados nas brincadeiras, por outros objetos comerciais; 2) garantir, realmente, a participação de todas as crianças presentes no interior da produção do programa, e não permitir "coros", torcidas constrangedoras para as crianças; dar outras chances para as que perdem nos jogos; garantir distribuição mais igualitária de prêmios; dar informações mais claras sobre as brincadeiras; garantir participação mais natural, espontânea das crianças; 3) fazer prevalecer o sentido fundamental de brincadeira, de brincar na infância; organizar brincadeiras mais voltadas para as crianças da realidade brasileira; garantir brincadeiras mais inventivas e diversificadas, bem como garantir informações mais úteis para as crianças no programa; 4) selecionar melhor o tipo e volume do som, da música (menos gritaria), diminuir o tamanho exagerado dos objetos nas brincadeiras; cuidar melhor da linguagem e seu sentido com as crianças; 5) quanto à animadora, cuidar melhor da linguagem e seu sentido com as crianças; 5) quanto à animadora, a Xuxa, diminuir seus gestos, ações, induções à auto-promoção, bem como ser mais realista e menos pólo centralizador da

relação comunicacional no programa. Vale observar que apenas dois alunos-professores (portanto, 1,7%) sugeriram a mudança da animadora, Xuxa no programa, para uma outra pessoa mais verdadeira, criativa, menos artificial. A atitude da maioria dos 67 alunos-professores que analisaram o referido trecho do programa televisivo foi a de manter a apresentadora, a Xuxa, mas sugerindo que a mesma melhore seus modos de comunicação com a infância brasileira, assumindo o verdadeiro sentido de brincadeira na vida dessas crianças.

ANÁLISES E “BILHETES PEDAGÓGICOS” DOS PROFESSORANDOS DE PEDAGOGIA AOS DE MAGISTÉRIO

Dando andamento ao relato da pesquisa a que nos referimos nesse texto, é importante lembrar que dos 235 estudantes envolvidos nesse estudo, 22 dos alunos de Pedagogia (da Faculdade de Educação da USP), tiveram oportunidade de vivenciar um trabalho mais prolongado e sequenciado a respeito da comunicação escolar e as mídias Televisão e Vídeo, durante o curso que frequentavam. Assim, esses alunos, além de explicitarem, como os demais, as suas opiniões sobre problemas com meios de comunicação nas suas aulas, com TV e Vídeo em cursos com crianças e sobre o trecho do “Xou da Xuxa”, já relatadas anteriormente, analisaram outros programas de TV, produziram pequenos programas “amadores” em vídeo (aprendendo a linguagem básica desse meio de comunicação), discutiram e estudaram textos sobre esses assuntos. E mais, analisaram as respostas dadas pelos estudantes de magistério a respeito do trecho do “Xou da Xuxa” assistido e elaboraram “textos pedagógicos” para aqueles estudantes, nos quais sugerem modos de trabalhar em aula, com crianças, a partir desse programa televisivo e outros. Por fim, ao término do curso, analisaram suas próprias respostas, dadas anteriormente, sobre problemas com mídias, dentre elas TV e Vídeo, nas aulas e com crianças, pronunciando-se sobre as mudanças que fariam nas mesmas.

Nesse caso mais específico, a pesquisa desenvolveu-se durante as aulas com esses alunos, tentando-se manter as autonomias e entrelaçamentos entre os dois trabalhos (ou seja, o de pesquisa e o de docência). Tais encaminhamentos deram um caráter longitudinal, microsocial, além de centrado na necessidade de melhor entendimento a respeito de projeto e planejamento pedagógico de cursos escolares por parte de professores⁵ e com vistas à formação de professores para a comunicação e mídias.

Resumindo, os estudantes de Pedagogia redigiram 65 textos denominados “Bilhetes Pedagógicos” para os de Magistério a respeito de trabalhos, nas aulas com crianças, a partir de programas de TV. Observou-se que nesses

⁵ Estudos de educadores têm enfatizado essa questão. Ver, por exemplo: J.C. Fusari. *O papel do Planejamento na Formação do Educador*. São Paulo, SE/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1988; S.T. Penin. *Cotidiano e Escola: a obra em construção*. São Paulo, Cortez, 1989; H.D. Penteado. *Televisão e Escola: Conflito ou Cooperação?* São Paulo, Cortez, 1991; M. André e Z. Mediano. O Cotidiano da Escola: Elementos para a Construção de uma Didática Fundamental. in V.M. Candau. *Rumo a uma Nova Didática*. Petrópolis, Vozes, 1988: 157-179.

textos, os pedagogos mostraram mudanças de opinião frente a questão em estudo, diferentemente das explicitadas por eles no início do ano letivo. Por exemplo, ao dirigirem-se aos alunos de magistério, centralizaram a problemática na questão da necessidade de formação e de mudanças de atitudes por parte professores de crianças, a respeito de TV e Vídeo, no sentido de se desfazer resistências e preconceitos. As crianças passaram a ser consideradas ativas telespectadoras e/ou videoespectadoras, com possibilidades de um entendimento lúdico, prazeroso, a respeito da comunicação televisiva, conduzindo-as a outras reinvenções de brincadeiras de histórias, sem que seja necessário retirar-se totalmente a TV da vida das crianças, como querem alguns exagerados educadores.

Finalmente, ao analisarem suas próprias respostas dadas no início do curso "TV e Vídeo na Educação" a maioria (95,4%) dos 22 alunos-professores de Pedagogia apresentaram mudanças. Um grande número (48,8%) manteve a centralização da problemática com TV e Vídeo nas aulas com crianças, nas categorias Método de Comunicação nas aulas e Conteúdos/Formas dessas mídias nos cursos, alterando, entretanto, o teor dos aspectos a que se referiram anteriormente. Assim, passaram a afirmar que a problemática não estava mais exclusivamente na falta desses equipamentos nas escolas, e também muitos (32,6%) passaram a afirmar ser possível um trabalho interessante, agradável, formador de consciência crítica a respeito de TV na escola (com e sem tal equipamento), podendo-se, também, efetivar articulações com os conteúdos escolares das aulas. Houve, além dessas, uma alteração apreciável referente a problemas quanto ao Professor/comunicador e aos alunos/comunicadores (crianças), pouco problematizadas por esses estudantes no início do curso. Quanto às crianças, passaram a considerá-las telespectadoras ativas e capazes de analisar e evoluírem em seus entendimentos sobre televisão. Quanto aos professores, houve uma elevação do índice de problemas (de 7,7% para 39,6%) para essa categoria, indicando a convicção de 22 alunos-professores de que o professor deve e pode ampliar seus conhecimentos sobre TV, Vídeo, Crianças e Educação Escolar.

Essas manifestações avaliativas foram feitas por escrito, e em pequenos textos, como os que se seguem e com os quais finalizamos esta apresentação, esperando que mobilize discussões entre profissionais da área, favorecendo, por conseguinte, o andamento de pesquisas a respeito da Comunicação Escolar e suas Mídias:

"Após este curso a minha apreciação pelos programas de televisão tornou-se mais rigorosa. Acho que consegui ultrapassar o 'gosto', 'não gosto', para uma leitura crítico-reflexiva dos programas de televisão. Assim, minhas respostas poderiam tornar-se mais elaboradas neste sentido. Após este curso, já posso pensar em trabalhar "Televisão em sala de aula" ainda que não tenha na Escola um aparelho de TV ou videocassete." (Aluna de Pedagogia, USP, São Paulo/SP, Brasil, 1988).

"Com relação ao 1º questionário por mim respondido, modificaria a resposta dada na última questão, onde colocaria que o principal pro-

blema para os professores de Escolas Públicas, quanto ao uso de Televisão e Videocassete, não é a inexistência dos aparelhos (como coloquei) e sim o não conhecimento do assunto, ou seja, a falta de maiores esclarecimentos e conhecimentos a respeito da linguagem televisiva e das inúmeras possibilidades de se trabalhar com TV em sala de aula (mesmo que não se tenha o aparelho). Contribuíram para esta modificação, os textos analisados e os "bilhetes pedagógicos" onde apareceram as mais variadas sugestões de como se trabalhar com TV na situação escolar e onde o assunto tratado durante o curso foi retomado sob diversos pontos de vista." (Aluna de Pedagogia, USP, São Paulo/SP, Brasil, 1988).

BIBLIOGRAFIA

- CANAU, V.M.F. & LELIS J.A. "A Relação Teoria-Prática na Formação do Educador". *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, 12(55): 12-18, 1984.
- CURY, C.R.J. "Notas Acerca do Saber e do Saber Fazer na Escola". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, (40): 58-60, 1982.
- FRAGER, A.M. Video Technology an teacher Training: Research Perspective. *Educational Technology*. USA, 25 (7):20-22, 1985.
- FUSARI, J.C. *O Papel do Planejamento na Formação do Educador*. São Paulo, SE/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1988.
- GOMES, P.G. A América Latina está Preocupada com a Educação para a Televisão. *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, 15(68-69): 33-42, 1986.
- JACQUINOT, G. *Lécole Devant les Écrans*. Paris, ESF, 1985.
- LOPES, M.I.V. *Pesquisa em Comunicação: Formulação de um Modelo Metodológico*. São Paulo, Loyola, 1990.
- LUDKE, Menga. *Combinando Pesquisa e Prática no Trabalho e na formação de Professores*. Porto Alegre, VI Encontro de Didática e Prática de Ensino. ENDIPE, 1991 (mimeo).
- MARQUES DE MELO, J. "Comunicação Social: da Leitura à Leitura crítica". K.Zilberman & E.T. Silva (orgs.) *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo, Ática, 1988:100-110.
- REZENDE E FUSARI, M.F. de. *O Educador e o Desenho Animado que a Criança Vê na Televisão*. São Paulo, Loyola, 1985.
- REZENDE E FUSARI, M.F. de. *Meios de Comunicação na Formação de Professores: Televisão e Vídeo em Questão*. São Paulo, IP-USP, 1990 (tese doutorado).
- REZENDE E FUSARI, M.F. "Mídias e Formação de Professores: em Busca de Caminhos de Pesquisa Vinculada à Docência" I. Fazenda (org.) *Novos Enfoques da Pesquisa Educacional*. São Paulo, Cortez, 1992: 99-118.

- SANTORO, L.F. *A Imagem nas Mãos: O Vídeo Popular no Brasil*. São Paulo, Summus, 1989.
- SERRANO, M.M. "Participação dos Meios Audiovisuais na construção da Visão de Mundo das Crianças". *Tecnologia Educacional*. 18(87/88):58-65, 1989.
- TANURI, L.M. "A Formação de Professores em Nível de 2º Grau." Faculdade de Educação da USP (org.) *Seminário de Ensino de 2º Grau - Perspectivas*. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1988: 228-238.